



Masculinidades em Aplicativos de Encontros Gays: Análise da Negociação das Masculinidades e da Auto-Representação dos Corpos

Masculinities in Gay Dating Applications: Analysis of the Negotiation of Masculinities and the Self-Representation of Bodies

Rafael Ferraz Baptista

Resumo

Neste trabalho objetivou-se a investigação das representações que homens gays fazem de si próprios, a partir da observação de seus perfis divulgados em dois aplicativos de encontros. A pesquisa reuniu dados quantitativos que possibilitaram uma análise qualitativa da realidade exposta. Com base na observação dos perfis nos aplicativos foi possível categorizar os tipos de masculinidades e averiguar como os gays representam a si próprios com base na relação de seus corpos com o mundo. Constatou-se que a coexistência das múltiplas masculinidades homossexuais implica em práticas de intolerância dentro do próprio grupo LGBT e que a maioria destes indivíduos se orientam pelos padrões estabelecidos pela masculinidade hegemônica.

Palavras-Chave: Masculinidade hegemônica, masculinidade subalterna, masculinidade homossexual, relações de gênero, representação social.

Abstract

This paper aimed to investigate the representations that gay men make of themselves, from the observation of their profiles published in two dating applications. The research gathered quantitative data that enabled a qualitative analysis of the exposed reality. Based on the observation of profiles in the applications it was possible to categorize the types of masculinities and to find out how the gays represent themselves based on the relation of their bodies with the world. It was found that the coexistence of multiple homosexual masculinities implies practices of intolerance within the LGBT group and that most of these individuals are guided by the standards established by hegemonic masculinity.

Keywords: Hegemonic masculinity, subaltern masculinity, homosexual masculinity, gender relations, social representation.

As temáticas sobre as questões de gênero e de sexualidade têm sido amplamente discutidas no panorama social, evidenciando cada vez mais a definição de padrões que se fortalecem com a construção de um senso comum que interrelaciona gênero e sexualidade com corpos e corporalidades.



Isso posto, a presente pesquisa pretende tratar, em especial, das homossexualidades masculinas, buscando identificar a categorização de masculinidades gays, principalmente voltadas à corporalidade, com base na utilização de aplicativos de geolocalização que visam promover encontros entre homens. Nesse sentido, objetiva-se investigar como homens gays representam a si próprios na divulgação de seus perfis na rede social e qual o papel da corporeidade na construção das relações que se estabelecem entre as masculinidades gays. Portanto, intenciona-se descobrir como gays negociam suas homossexualidades em relação aos padrões inculcados por uma masculinidade hegemônica.

Masculinidade Hegemônica X Masculinidades Subalternas

Ao longo da história, muitos conceitos surgiram para explicar os fenômenos da masculinidade e a sua forte influência na construção dos padrões sociais, culturais e morais da sociedade.

No panorama social é possível observar que a noção de masculinidade centra-se na legitimação da dicotomia Homem x Mulher e na consequente relação de coerção entre esses sujeitos. Estudos históricos, conforme aportes de Connell (2003), teorizam que a masculinidade adulta se constrói por meio das reações contra a feminilidade e a relação entre essa formação e a subordinação das mulheres. Esse ponto de vista revela o papel do homem como provedor do sustento da família, evidenciando suas habilidades de trabalho para manutenção do lar, enquanto para as mulheres se designam as tarefas domésticas.

Dessa forma, observa-se que a autoridade se manifesta por meio do poder econômico e implica na criação de uma masculinidade autoritária que visa à manutenção do patriarcado. Portanto, é possível afirmar que a construção das masculinidades ocorre mediante as relações que se estabelecem dentro da sociedade. Connel (1995) define masculinidade como uma posição nas relações de gênero, evidenciando as práticas pelas quais homens e mulheres se comprometem com essa posição e os efeitos dessas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura.

Connell e Messerschmidt (2013) denominam esse pressuposto de papel sexual, uma vez que supõe que ser homem ou mulher significa estabelecer uma série de expectativas ou tarefas designadas socialmente à cada sexo. Portanto, entende-se masculinidades e feminilidades como papéis sexuais internalizados, frutos da socialização e que se concretizam na representação dos corpos de cada indivíduo.

Dessa forma, ao adentrarmos ao campo do papel sexual é necessário considerar a função da representação do corpo na construção desses padrões estabelecidos. De acordo com Jodelet (1984), o corpo é um objeto de caráter público e privado, pois está ligado à forma como os indivíduos lidam com seus próprios corpos e como lidam com os corpos dos demais. Sendo assim, essas representações estão subordinadas aos aspectos sociais, culturais e psicológicos.

Conforme postulados de Thompson, Pleck e Ferrera (1992), o conceito de identidade ligado aos papéis sexuais impede que os indivíduos que não seguem o padrão tradicional, próprio de seu sexo biológico, questionem o próprio papel. Dessa forma, os papéis sexuais estão intrinsecamente ligados com a identidade biológica, reduzindo-se à categorias homogêneas.

É coerente reconhecer, em vista do exposto, que a heterossexualidade não se caracteriza apenas como uma prática sexual, mas sim como uma forma de poder que coloca o masculino e o feminino dentro do campo político, conforme Wittig (2001). Desse modo, a



heterossexualidade não se manifesta somente na representação dos corpos, como também, e principalmente, na representação social que estabelece o lugar do homem e da mulher na sociedade, gerando dominação e opressão.

Connel (2003) enfatiza que a produção da masculinidade vai além dos contextos econômicos e ideológicos, ela se reforça também nas relações de classe, de raça, dentre outras que determinam a posição do homem na sociedade. Nesse sentido, com a influência de tantas variáveis, a autora ressalta a coexistência de diversos tipos de masculinidades, o que conduz à concepção de relações estabelecidas entre estas. Relações que podem se converter em alianças, domínio ou subordinação.

Portanto, surge a necessidade de adentrar aos conceitos de gênero para compreender as posições hierárquicas estabelecidas na sociedade. De acordo com Piscitelli (2009), a identidade de gênero ou a sexualidade não se condiciona ao sexo biológico ou à representação do corpo dentro do binômio homem x mulher. Desse modo, os órgãos sexuais dos sujeitos não estipulam suas identidades de gênero. A autora assevera que o gênero é um conceito de base política que evidencia as diferenças e salienta a pluralidade entre homens e mulheres.

Os pressupostos de Butler (2008) também inserem no debate o princípio de que o sexo é a condição biológica que difere as pessoas sexualmente, enquanto a identidade de gênero diferencia as pessoas dentro do campo cultural. Logo, a construção do gênero é um processo sem fim, uma vez que, ao longo de sua vida, o sujeito passa por novas experiências, novas culturas, novas descobertas, de maneira que não importe o que ele é, mas sim o que ele faz.

É possível, pois, considerar que a construção do status do gênero dependente das relações de sexo é inerente ao ser social e imprime nos sujeitos a característica de recipientes inertes às regras culturais incomplicadas, de modo que o sujeito se torna submisso ao seu destino biológico.

Connel (1995) sugere que o gênero se caracteriza como uma forma de organização social. É uma prática que se refere constantemente aos corpos e ao que estes fazem. Hollway (1984), citada por Connel (1995), afirma que as identificações de gênero se modificam devido aos múltiplos discursos que interferem na vida do indivíduo. Portanto, envolve subjetividade, ideologia e cultura e a interface entre esses aspectos produzem as múltiplas masculinidades. Logo, as políticas de gênero são determinantes do destino coletivo.

Esse panorama produz a instituição de uma masculinidade hegemônica, a qual define-se como uma configuração da prática de gênero que incorpora padrões adequados em um momento específico, que geralmente legitima o patriarcado e garante a posição dominante dos homens.

A fixação de um padrão hegemônico implica no reconhecimento da existência de grupos subordinados, dentre os quais é possível constatar a marginalização e segregação de grupos homossexuais, pois, ainda que sejam homens, se assemelham, do ponto de vista da masculinidade hegemônica, aos padrões de feminilidade.

Portanto, muitos grupos homossexuais, a fim de evitar a total exclusão e segregação, estabelecem uma relação de cumplicidade com a masculinidade hegemônica, pois procuram adaptar-se às normas estabelecidas, uma vez que isso lhes conferem certas vantagens. Nesse sentido, encontra-se a metáfora do armário proposta por Sedgwick (1990), a qual assevera que o armário se consolida como um mecanismo ambíguo, pois ao mesmo tempo em que se consolida como um espaço de proteção do homossexual, também se reafirma por seu caráter segregador.

Tais conjecturas se concretizam na tipificação homossexual, agrupando os indivíduos



conformes suas características e aos seus modos de vida, evidenciando as múltiplas formas de masculinidades gays. Para a elucidação desse aspecto, utilizar-se-ão os conceitos de representações sociais, os quais preconizam que estas se tratam de um processo dinâmico, que ocorre tanto no campo social quanto no psicológico e se caracterizam pela interpretação de uma versão da realidade com base nos pressupostos de determinados grupos de referência, portanto são explicações sobre dados fenômenos ou objetos que se formulam por meio das interações sociais, conforme preconizam Moscovici e Markova (1998).

No caso dos homossexuais sua representação está inerentemente ligada à masculinidade, ainda que de forma flagelada, uma vez que as representações sociais se pautam nas imagens e comportamentos oriundos da masculinidade hegemônica, portanto o indivíduo é concebido pela sua corporeidade, mas excluído pelo seu comportamento.

Os aplicativos de encontro entre homens

Para a presente pesquisa optou-se pela utilização de dois aplicativos, Grindr e Scruff, que auxiliam gays a encontrarem parceiros para relações afetivas, sexuais, amizades, dentre outros relacionamentos. Os aplicativos funcionam por meio da tecnologia de geolocalização, o que permite que os usuários encontrem homens próximos de sua posição espacial, que compartilhem dos mesmos desejos, anseios ou interesse sexual.

Geolocalização é uma tecnologia que permite ao usuário obter sua localização precisa através de conexão direta a satélites por meio de dispositivos móveis, como telefones celulares e outros dispositivos portáteis.

(AUGÉ, 1994 apud SOUZA REIS, 2013, p.148)

O estudo iniciou-se por meio da criação de um usuário para utilizar as ferramentas oferecidas pelos aplicativos. Além de dados pessoais, notou-se que há um campo específico onde o utilizador deve inserir a “tribo” a que pertence. Tal campo foi o cerne dos estudos, pois se configura como formas de viver a homossexualidade e de categorizar as masculinidades vivenciadas pelos indivíduos e as consequentes formas como estes representam a si próprios. Ressalta-se, ainda, que o campo “tribo”, em várias das categorias disponibilizadas pelos aplicativos, está intrinsecamente ligado à forma como os usuários relacionam seus corpos com o mundo.

O quadro abaixo apresenta as categorias disponibilizadas pelos aplicativos. É relevante considerar que os aplicativos, em alguns casos, usam termos distintos para retratar o mesmo grupo.

Quadro 1: Grupos sugeridos pelos aplicativos para auto definição do usuário

Grindr	Scruff
Barbie	Queer
Couro	Couro
Discreto	Discreto
Garotos	Novinho
Malhadinho	Sarado



Nerd	Universitário
Papai	Coroa
Soropositivo	HIV+
Trans	Trans
Urso	Urso/Gordinho
Cafuçu	-
-	Bi
-	Drag

Definição das categorias e das possíveis masculinidades

As presentes definições fazem parte das representações sociais ligadas ao universo LGBT e conseqüentemente fazem parte de um linguajar informal, de forma que foram criadas pela própria comunidade para agrupar indivíduos de acordo com as características corporais ou sexuais que apresentam em comum. Dessa forma, a reunião das definições aqui apresentadas se configuram como uma síntese dos conteúdos de sites voltados ao público gay e que buscam definir certas gírias utilizadas pela comunidade.

Barbie/Queer: Essa categoria representa os indivíduos que vão na contramão do que ditam os parâmetros da masculinidade hegemônica. Configura-se como indivíduos que não se encaixam nos padrões estabelecidos e que assumem essa transgressão, portanto relaciona-se diretamente com a concepção do gay efeminado. É importante salientar que o termo queer tem ganhado um amplo sentido na luta LGBT, porém a pesquisa pautou-se nas definições de corpo e masculinidade, que puderam ser comprovadas pelas descrições e fotos dos usuários que se auto denominaram queer, dessa forma não implica, nesse momento, em um aspecto ideológico.

Couro: Tal categoria é uma das que apresenta estudos específicos direcionados a ela. Algumas vertentes a denominam como a simbolização do fetiche sadomasoquista, portanto pode expressar-se tanto em relações homossexuais, como em relações heterossexuais. Porém, se configura como uma moda erótica que se traduz em valores elevados de masculinidade, que por vezes, ultrapassam até mesmo os limites da virilidade da masculinidade hegemônica, por conseguinte exprime a ideia de poder sexual e de independência.

Discreto: é o tipo de gay que mais preza pela aproximação de seus comportamentos com os da masculinidade heterossexual. Como o próprio nome sugere, esse gay preza pela discrição e tenta viver invisivelmente na sociedade, adotando padrões e rotinas heterossexistas, ainda que tenha relações sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Garotos/Novinho: Nessa categoria se encaixam gays mais jovens, geralmente magros ou com corpos atléticos. Não é incomum encontrar gays mais velhos nessa categoria, porém precisam manter características pueris, não apresentam marcas de expressões e não se preocupam em mostrar maturidade. Além disso, possuem corpos lisos, sem nenhum ou pouco pelo no corpo.



Malhadinho/ Sarado: O nome por si só já delimita a objetificação do corpo, pois refere-se a gays que frequentam academias e que mantêm um corpo delineado e extremamente atlético. A representação social desse tipo de gay revela que estes são egocêntricos e só se relacionam com gays semelhantes, menosprezando outras categorias que não se assemelhem a deles.

Nerd/Universitário: Esse grupo representa gays que não se vangloriam por seus corpos, mas sim pelo seu capital cultural, pela intelectualidade e pela constante busca pelo conhecimento. As representações sociais demonstram que o gay nerd não busca “corpo” em seus parceiros, mas sim homens que possuam conteúdo intelectual, capazes de conduzir uma boa conversa.

Daddy/Coroa: Neste caso há uma pequena distinção nos termos usados pelos aplicativos. Daddy ou Papai se reporta a gays experientes, não se referindo à idade, com uma carreira bem sucedida, muitas vezes carreiras consideradas socialmente masculinas, são decididos e já não aceitam as regras banais estipuladas pelo jogo da sedução, principalmente ligadas à juventude. A corporeidade desse grupo se manifesta pelo uso de roupas sociais que demonstram a forma como ele se relaciona com o mundo, enfatizando a sua colocação em uma classe econômica mais elevada, fruto de sua carreira de sucesso. As representações sociais indicam que esse gay não procura sexo casual, pois sua vasta experiência indica que este procura por relacionamentos afetivos. Já o Coroa, possui basicamente as mesmas características do gay Daddy, com exceção que nesta categoria só se inserem indivíduos com idade considerada um pouco mais elevada.

Soropositivo/HIV+: Obviamente são gays portadores do HIV e que fazem questão de assumir sua condição, buscando evidenciar a luta contra o preconceito, talvez não seja possível considerar uma masculinidade, já que se refere apenas à uma enfermidade adquirida, porém não deixa de ser uma forma diferenciada de viver a homossexualidade.

Trans: De acordo com os dados da Conferência Nacional LGBT (2015) são indivíduos que não possuem um sentimento de pertencimento ao seu gênero biológico e consequentemente não aceitam características que pertencem a esse gênero. Desse modo, anseiam pela mudança de sexo e pela aceitação social em relação ao gênero que se identificam.

Urso/Gordinho: É a categoria mais complexa, pois se subdivide em outras categorias, mas de modo geral, busca representar corpos grandes, obesos, robustos, peludos e de rosto barbado.

Bi: Diferentemente dos outros termos, o bi não se classifica como gay, e sua representação está diretamente ligada às relações sexuais e não às características específicas. Bissexual é, pois, o indivíduo que se relaciona sexualmente tanto com o gênero masculino quanto com o feminino. Devido às representações de masculinidade, o bissexual se encontra acima do homossexual na cadeia hierárquica, uma vez que este se relaciona com o sexo oposto.

Cafuçu: é o tipo de gay que foge dos padrões de beleza estabelecidos pela comunidade LGBT, desse modo, é um indivíduo feio de rosto, mas que possui um corpo atlético. Está ligado aos gays de baixa renda, rudes, geralmente que vivem em periferias e se ves-



tem de forma largada. Também são considerados como possíveis “heterossexuais” que fazem “favores” e ficam com gays em troca de dinheiro.

Drag: O conceito de drag está ligado à utilização de roupas extravagantes, como vestidos, dentre outras que remetem ao universo feminino. Portanto, são homens que realizam performances artísticas que expressam certas feminilidades, mas que não se assemelham à mulher, pois existe determinada extravagância.

As definições aqui apresentadas não se caracterizam pela homogeneização do grupo, o que implica que os indivíduos podem apresentar características presentes em grupos diferentes, evidenciando que as diferentes masculinidades coexistem dentro do grupo e dentro do próprio indivíduo.

Análise dos perfis

Após a identificação das categorias, denominadas pelos aplicativos como “tribes”, e a realização de suas respectivas definições, a pesquisa prosseguiu a partir da visualização, leitura e análise de cem perfis, sendo cinquenta do aplicativo Grindr e cinquenta do Scruff.

A escolha dos perfis se deu por meio de dois aspectos principais: o primeiro foi a condição do perfil apresentar foto (seja de rosto ou de partes de corpo), buscando minimizar a possibilidade de utilizar perfis *fakes* para a análise e a segunda foi o distanciamento dos usuários em relação à posição do pesquisador, uma vez que os aplicativos utilizam a tecnologia de geolocalização.

De acordo com os dados coletados, os perfis apresentaram a seguinte distribuição em relação ao modo como os gays representam a si próprios:

Quadro 2: Distribuição de como os usuários se representam como homossexuais

Grindr		Scruff	
Categorias	Cômputo dos Perfis	Categorias	Cômputo dos Perfis
Barbie	2	Queer	0
Couro	1	Couro	1
Discreto	28	Discreto	24
Garotos	6	Novinho	2
Malhadinho	1	Sarado	3
Nerd	2	Universitário	3
Papai	1	Coroa	3
Soropositivo	0	HIV+	1
Trans	0	Trans	1
Urso	9	Urso/Gordinho	12
Cafuçu	0	-	-
-	-	Bi	0
-	-	Drag	0
Total	50	Total	50



A presente pesquisa pautou-se na utilização de abordagens com traços exploratórios e descritivos, uma vez que o trabalho propõe observar e registrar o comportamento de homossexuais em relação ao modo como se representam na publicação de perfis em aplicativos de encontros, culminando em uma análise dos dados obtidos, a fim de ampliar o entendimento sobre masculinidades homossexuais. Conforme pressupostos de Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa descritiva tem a função de descobrir a frequência com que determinado fenômeno acontece, assim como as relações que ele estabelece entre as variáveis.

A análise dos resultados embasou-se pela abordagem qualitativa, considerando que a realidade apresentada só existe devido às significações atribuídas pelos sujeitos, conforme preconiza Gunther (2006). Portanto, ainda que, inicialmente, tenha se tratado de uma coleta de dados que gerou resultados quantitativos, as informações também serviram para a realização de uma interpretação e análise sobre o comportamento humano frente às relações estabelecidas entre os objetos de estudo.

Conclusões

A pesquisa desenvolvida permitiu a constatação de que há diversas formas de vivenciar a homossexualidade e cada uma das formas apresentam características específicas, demonstrando a existência de múltiplas masculinidades. Salienta-se que essas podem coexistir na identidade de um mesmo indivíduo, porém com algumas características sobressaindo-se sobre outras, caracterizando o modo como o indivíduo se representa nos aplicativos.

É importante ressaltar que tal categorização ou estigma atribuídos aos indivíduos com base em características comuns, ocasionando em agrupamentos, é uma prática comum na comunidade LGBT, portanto, esses comportamentos se configuram como práticas de intolerância exercidas pelos próprios indivíduos que compartilham da segregação instituída pela camada opressora, fruto da masculinidade hegemônica, frente à homossexualidade.

A forma como os gays se auto representam, considerando os perfis selecionados, demonstram, ainda, que um pouco mais da metade desses homens se definem como discretos, seguidos pelos gays que se encaixam na categoria urso e em seguida por gays que se enquadram no grupo dos garotos/novinhos. Tal fato permite considerar que a maioria dos gays se representa em categorias que estão mais próximas da masculinidade hegemônica, evidenciando aspectos físicos que remetem ao corpo masculino.

O número expressivo de gays que se afirmam discretos evidencia o caráter ífero da homossexualidade, de modo que os padrões comportamentais adotados por esses homens legitimam as políticas da heterossexualidade, funcionando como base para a sustentação da masculinidade hegemônica, assim como outras masculinidades heterossexuais marginalizadas também a sustentam.

Ademais, reconhecer a existência de múltiplas masculinidades homossexuais, implica em admitir que essas masculinidades estabelecem relações entre si. Dessa forma, as relações construídas constituem posições hierárquicas dentro do grupo homossexual, conferindo o status de superioridade para as masculinidades que se aproximam dos padrões do patriarcado e de inferioridade e aviltamento para as que se opõem de forma extremamente contraditória. As descrições sobre os tipos de gays que os usuários procuram para se relacionar também revelam uma certa ojeriza aos gays com comportamento que se aproximam da feminilidade:



“Não gosto de gay efeminado, buscando alguém compatível pra ver no que dá. Não assumido e discreto”

“Não tenho tesão e nem atração por gay afeminado, questão de gosto... apenas...nada contra”

“Curto macho, nada de afeminado. #sigilo #real #discreto”

“Curto passivos que tenham no máximo 30 anos, porte atlético, lisos e machos”

“ [...] sou macho discreto, sem trejeitos. Busco cara discretos e sem trejeitos”

“Procuro ativos e versáteis com jeito de homem”

“Sou Bi. Procuro caras machos. Sigilo total. Menores de idade, afeminados, assumidos e gordos não tenho interesse, não adianta nem chamar.”

“Discreto, não afeminado e não assumido, procurando o mesmo para parceria”

Notou-se, também, uma grande quantidade da utilização da hashtag *broderagem*. De acordo com dicionários informais e site sobre gírias LGBT, o termo se refere às práticas sexuais entre homens que não se consideram homossexuais.

Por fim, inclui-se nesta pesquisa dois conceitos da Sociologia para compreender as relações entre masculinidades heterossexuais e masculinidades homossexuais. O primeiro deles corresponde ao campo macrosocial, no qual a masculinidade hegemônica atua opressivamente na sociedade em escala ampla, colocando todas as demais masculinidades em posições subalternas. E o segundo conceito refere-se ao campo microssocial, ou seja, a um grupo menor, nesse caso os homossexuais, que também reproduzem as práticas adotadas na macro sociedade.

Esse sistema microssocial, ainda que repleto de repressão e opressão exercidas pela camada dominante, reestabelece as regras e jogos de poder que validam as atitudes e o comportamentos desse grupo, o que nos leva a conceber a possível formação de uma homossexualidade imperante, que estabelece os papéis hierárquicos dentro desse pequeno grupo, de modo que gays que “fazem coisas de homem” encontram-se no topo dessa hierarquia, enquanto gays efeminados e travestis são segregados e excluídos.



- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. **Coleção Ciências da Educação**, v.12, Porto: Ed. Porto, 1994.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2008.
- CAPARICA, M. **Você não é urso: Guia prático para auto identificação dentro da cultura bear**. Disponível em: <http://ladobi.uol.com.br/2015/12/guia-urso-bear/> Acesso em 06 nov 2017.
- CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.
- CONNEL, R. W. **Masculinities**. Cambridge, UK: Polity Press, 2003.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Abr 2013.
- FURQUIM, M. Comportamento: **O Gay Discreto Fora-do-Meio (ou as consequências da homofobia internalizada)**. Disponível em: <http://gaynerdbrasil.com/2015/12/comportamento-o-gay-discreto-fora-do-meio-ou-as-consequencias-da-homofobia-internalizada.htm> Acesso em: 05 nov 2017.
- GUNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 22, n. 2, p. 201 – 210, Mai – Ago 2006.
- IGAY SÃO PAULO. **Você é twinkie ou lontra? Entenda as denominações para os tipos físicos dos gays**. Disponível em: <http://igay.ig.com.br/2015-02-12/voce-etwinkie-ou-lontra-entenda-as-denominacoes-para-os-tipos-fisicos-dos-gays.html> Acesso em 05 nov 2017.
- JODELET, D. The body and his transformation. In: FARR, S.; MOSCOVICI, S. **Social Representation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- LONGO, F. **Entre barbies e purpurinados: o eterno racha na identidade gay!** Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2017/03/01/barbies-epurpurinados-racha/> Acesso em: 06 nov 2017.
- MEU PATROCÍNIO GAY. **O que é sugar daddy ou mommy gay**. Disponível em: <https://www.meupatrocinio.com/sugar-daddy-gay/o-que-e-sugar-daddy-ou-mommygay> Acesso em 06 nov 2017.
- MITCHELL, B. **What's the difference between gay and queer**. Disponível em: <http://www.pinknews.co.uk/2017/06/23/whats-the-difference-between-gay-and-queer/> Acesso em 06 nov 2017.



MOSCOVICI, S.; MARKOVA, I. Presenting social representations: a conversation. **Culture & Society**, v. 4, n. 3, p.371-410, 1998.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009 - (Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais).

SOUZA REIS, B.. Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare. **Contemporânea (Título não-corrente)**, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 11, Ago. 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/6969>>. Acesso em: 08 Nov. 2017.

THOMPSON, E. H.; PLECK, J. H.; FERRERA, D. L.. Men and masculinities: Scales for masculinity ideology and masculinity-related constructs. **Sex Roles**, [s.l.], v. 27, n.11-12, p.573-607, dez. 1992. Springer Nature.

WITTIG, M. **La Pensée straight**. Paris, Balland, 2001.